
HÉRCULES E OS VESTÍGIOS DA PRUDÊNCIA ANTIGA NA *ULISSEIA* (1636), DE GABRIEL PEREIRA DE CASTRO

HERCULES AND THE REMAINS OF ANCIENT PRUDENCE IN
ULYSSEIA (1636), BY GABRIEL PEREIRA DE CASTRO

Cleber Vinicius do Amaral Felipe¹

Enviado em: 05/07/2020

Aceito em: 20/02/2021

RESUMO: Pretende-se analisar as escolhas efetuadas por Gabriel Pereira de Castro no poema *Ulisseia ou Lisboa Edificada* (1636) quanto ao título, proposição e invocação, além de compreender a disposição do poema e as figuras de elocução mobilizadas na descrição de Hércules, guardião das colunas que ele edificou no estreito de Gibraltar. Nosso intuito é avaliar a maneira como o poeta representou a superação da *prudencia* antiga, caracterizada pelo autocontrole e pela contenção, e propôs uma *virtù* ajustada ao ímpeto expansionista e/ou centrífugo que orientou as grandes navegações.

Palavras-chave: *Ulisseia*. Epopeia. Prudência.

ABSTRACT: We intended to inquire about the choices made by the poet Gabriel Pereira de Castro in the poem *Ulisseia ou Lisboa Edificada* (1636) as to the title, proposition and invocation, and analyze the poem's disposition and the figures of speech used in the description of Hercules, guardian of the columns that he built in the Strait of Gibraltar. Our aim is to evaluate the overcoming of the old *prudencia*, characterized by self-control and containment, and the proposal of a new *virtù* adjusted to the expansionist and/or centrifugal force that guided the great navigations.

Keywords: *Ulisseia*. Epic. Prudence.

O jurista e poeta Gabriel Pereira de Castro não foi o primeiro a dizer que Ulisses teria fundado Lisboa, matéria de sua epopeia *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, publicada postumamente em 1636.² Estrabão, em sua *Geografia*, afirmou que os aqueus visitaram a península ibérica, assim como Hércules e os fenícios. Ao longo dos primeiros séculos da era cristã, Solino (*Colectânea de Factos Memoráveis*), Marciano Capela (*Núpcias de Mercúrio e de Filologia*) e S. Isidoro de Sevilha (*Etimologias*) reforçaram a hipótese, associando o nome do herói grego à fundação da capital portuguesa (FERNANDES, 1985, p. 139-161). A façanha alcançou os escritos anglófonos do século XII (PUGA, 2011, p. 145-175) e Camões mencionou a origem grega da cidade por meio de Paulo da Gama, quando a personagem descreveu para o Catual, no canto VIII d'*Os Lusíadas*, as imagens presentes nas bandeiras de sua nau: “Ulisses é, o que faz a santa casa/ À Deusa que lhe dá língua facunda;/ Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,/ Cá na Europa Lisboa ingente funda”.

Dedicada ao rei Filipe IV da Espanha e composto por dez cantos em oitava rima, o poema de Castro, com um total de 9696 versos, narra as façanhas de Ulisses. Diferentemente de Homero,

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: cleber.ufu@gmail.com.

² Depois de obter sua licenciatura, doutorou-se em Direito Canônico pela universidade de Coimbra. Iniciou a carreira docente nessa mesma universidade, mas logo foi nomeado Juiz-Desembargador da Relação do Porto. Em 1615, estabeleceu-se na Casa da Suplicação e, dois anos depois, na Casa da Suplicação e dos Agravos. Tornou-se Corregedor do Crime em 1623 e, mais tarde, Procurador Geral das Ordens Militares. Por fim, foi-lhe concedido a posição de Chanceler-Mor do reino. Autor de obras sobre Filosofia do Direito e Jurisprudência, Castro faleceu em 1632.

o poeta acrescenta ao propósito de regressar a Ítaca uma missão, imposta pelos Fados: fundar a cidade de Lisboa. No prefácio do poema, Manuel de Galhegos alegou que o poeta superou Camões por não ter recorrido à disposição *in medias res*. A despeito dessa querela, é possível notar que o poeta emulou, de perto, alguns dos versos da epopeia lusíada.

O título, *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, antecipa o nome do herói (como no caso da *Odisseia* e da *Eneida*), mas também o local no qual se desdobra a ação (como ocorre na *Iliada*). Nomear o protagonista no título do poema indica que suas façanhas individuais favorecem a sobrevivência da coletividade de que faz parte.³ Sendo assim, Gabriel Pereira de Castro optou por distanciar-se do título camoniano que, aliás, foi objeto de crítica por parte de letrados, como Luís António Verney.⁴

Na primeira oitava do poema, é possível constatar que Gabriel Pereira de Castro imitou Homero, mas também Virgílio e Camões:

As armas, e o Varão, que os mal seguros
Campos cortou do Egeu, e do Oceano,
Que por perigos, e trabalhos duros
Eternizou seu nome soberano:
A grão Lisboa, e seus primeiros muros,
(De Europa, e largo Império Lusitano
Alta cabeça) se eu pudesse tanto
À pátria, ao Mundo, à Eternidade canto.
(CASTRO, I, 1).

Como na proposição da *Odisseia*, que menciona os labores de Ulisses, “empenhado em salvar a vida e garantir o regresso dos companheiros” (Hom. *Od.* I, 2-5), Castro antecipa os perigos e trabalhos experienciados pelo herói quando singrou o Egeu e o Oceano, mas a sinédoque inicial foi inspirada na *Eneida* (“Eu canto as armas e o barão primeiro”), ainda que por intermédio de Camões (“As armas e os barões assinalados”). Torquato Tasso (1998, p. 113), em sua *Jerusalém Libertada*, também recorreu a Virgílio para iniciar seu poema: “As armas canto e o capitão piedoso”. Diferentemente de Camões, que mencionou não um herói, mas um conjunto deles, Castro, seguindo de perto Virgílio e Tasso, referiu uma única personagem adotando o termo “varão”.

A invocação, no gênero épico, pode fundir-se à proposição, como no caso dos poemas homéricos, ou pode sucedê-la, como ocorre na *Eneida*. Castro, assim como Camões, optou por separá-las. Contrariando as liminares da *Odisseia*, o poeta não fez alusão à *hybris* (ou ação descomedida e passível de castigo divino) relativa ao gado do Sol em Trinácia, mas referiu o episódio envolvendo o Ciclope Polifemo:

Lembra-me, Musa, as causas, e me inspira
Como por tantos mares o prudente
Grego, vencendo de Netuno a ira,
Chegou do Tejo à tímida corrente;
Ouvirá o som da Lusitana lira
O negro Ocaso, e lúcido Oriente,
Se tu dás ser a meu sujeito falto,

³ De acordo com Jacques Rancière, o poema épico “é o livro da vida de um povo, expressão de um mundo onde o caráter de cada individualidade exprime em sua unidade o *éthos* de uma coletividade”. (RANCIÈRE, 1995, p. 33).

⁴ Nas palavras de Luís António Verney (1713-1792), Camões, apesar do “engenho poético” e da “imaginação fecunda”, investiu na criação de uma obra defeituosa, devido à falta de erudição, de juízo e de discernimento. Verney criticou a opção pelo título ao afirmar que “os mestres da arte tomam o título, ou da pessoa, como *Odisseia*, *Eneida*, ou do lugar de acção, como *Iliada*”. O poeta português, “em vez de tomar o dito título de Vasco da Gama etc., toma-o de todos os portugueses, buscando para isto um termo latino que tanto calça aos portugueses navegantes, como aos que ficaram no reino”. Ver: (VERNEY, 1991, p. 167).

Para que caiba em mim furor tão alto.
(CASTRO, I, 2).

Menciona-se a vitória de Ulisses (identificado com o epíteto “prudente grego”) contra a ira de Netuno, mas não a atitude temerária protagonizada pelos companheiros de Ulisses quando se alimentaram das vacas sagradas do Sol. De acordo com Rui Carlos Fonseca, o episódio em questão atribui ao poema homérico uma característica ética: aqueles que confrontaram as leis dos deuses não regressaram ao lar como paga pelo atrevimento. Desenha-se, portanto, “uma clara separação entre Ulisses e os grupos de personagens que desrespeitam as leis divinas” (FONSECA, 2014, p. 189). Na *Ulisseia*, por outro lado, o herói “surge como figura mais coletiva do que individual e essa separação do grupo com quem viaja já não se adequa ao plano de Gabriel Pereira de Castro: a cidade que obterá glória eterna não pode ser fundada por transgressores sem respeito pelos deuses, razão por que a referência ao episódio do Gado do Sol não convém aos propósitos superiores da missão do Ulisses luso” (FONSECA, 2014, p. 189). A *Ulisseia* imitou boa parte dos episódios homéricos, mas para enfatizar alguns aspectos e reordená-los conforme a matéria do novo poema.

1 Disposição do poema

O poema *Ulisseia ou Lisboa Edificada* foi disposto *in ordo naturalis*, ou seja, seguiu a ordem os acontecimentos. Depois da proposição, da invocação e da dedicatória dirigida a Filipe IV, Castro retratou o concílio divino, quando Jove determinou que Ulisses fosse bem acolhido na ilha de Circe. Embora a acolhida inicial tenha sido hostil, pois a feiticeira transformou os aqueus de um pequeno destacamento em feras, o herói grego desembarcou para socorrê-los e comunicou à feiticeira a vontade dos Numes. Durante um banquete e a convite da anfitriã, Ulisses iniciou a narrativa dos seus feitos, que se prolonga pelos cantos II, III e IV, quando descreve os vaticínios de Proteu, a tempestade que Éolo enviou contra as naus aqueias, a visita à terra dos Lotófagos, a falta de hospitalidade de Polifemo, a descida ao mundo dos mortos. A visita aos infernos, muito próxima à descrição presente no sexto livro da *Eneida*, coloca diante do herói diferentes personagens mitológicas, como Cérbero, as Harpias, as Górgonas e, claro, o barqueiro Caronte:

Era Caronte velho, a que cobria
A vista a sobrançelha carregada,
E sobre o pardo peito lhe caía
A espessa barba nunca penteada:
Os membros nus, que a partes descobria
A roupa de longo uso maltratada;
Velho, porém robusto por extremo,
Com forças aptas ao pesado remo.
(CASTRO, IV, XXVII).

Quando alcançou o Tártaro, um dos domínios infernais, testemunhou penas severas contra homens que desafiaram as divindades, mas visitou também as sombras de grandes heróis, como Agamêmnon, Aquiles e Heitor. Nos Campos Elísios, por fim, conversou com sua mãe e conheceu os futuros reis portugueses.

Depois de frequentar o mundo subterrâneo guiado por Circe, o herói seguiu seu caminho: o enfoque do poema deixou de ser o *nóstos*, o regresso a Ítaca, e passou a ser a missão fundacional. Sendo assim, o poeta imitou a disposição da *Eneida*, dedicando a primeira parte às peripécias enfrentadas pelo herói ao longo de seu itinerário e a segunda às guerras de conquista. Antes de pisar em solo ibérico, os gregos enfrentaram outros perigos, como uma tempestade orquestrada por Netuno, Cila e Caríbdis e o canto das Sereias. Há, também, o episódio no qual ultrapassam o es-

treito de Gibraltar e encontram a personificação de Hércules, apresentado com a estatura de um Adamastor e com o encargo de proteger os “vedados términos” (o episódio em questão será analisado com mais vagar).

No momento do desembarque, Ulisses teve notícia do rei local, Górgoris, que acolheu bem os gregos e ofereceu-lhes os dons da hospitalidade. No momento da ceia, instado a contar sobre a guerra de Tróia, o herói começou pelo rapto de Helena e descreveu algumas façanhas bélicas memoráveis, como a luta de Diomedes contra Marte, a morte de Pátroclo e a batalha entre Aquiles e Heitor. Não faltaram símiles para descrever essa última contenda e a derrota do príncipe troiano:

Qual dois leões famintos sobre a presa
Do veado, que morto tem adiante,
Cheia a boca de sangue, e de braveza,
Cada qual mais cruel, mais arrogante:
A escura vista em puro fogo acesa,
Dando um rugido, e outro penetrante,
Se abraçam, rasgam, até que o mais ferido
Sem descobrir fraqueza cai rendido.
(CASTRO, VII, LXXVII).

Após o festim, Ulisses e Górgoris participam de uma caçada. O herói grego se deixou seduzir por Calíope, filha do rei lusitano, e foi correspondido, provocando ciúmes em Circe. À noite, enquanto o protagonista sonhava com grandes feitos portugueses, Górgoris, inflamado por Tisífone (a deusa da vingança), voltou-se contra seus hóspedes. A guerra desdobrou-se ao longo dos cantos oito, nove e dez, alcançando seu desfecho quando os líderes se enfrentam num duelo e o rei local foi derrotado. Depois da vitória, Ulisses resolveu finalmente retornar a Ítaca, mas Calipso, sofrendo com a iminência da partida, lançou-se de um precipício à beira do Tejo com os dois filhos nos braços: a mãe transformou-se em areia, e seus filhos tornaram-se rochas. Esse episódio dramático pode ser associado a um fragmento d’*Os Lusíadas*: “Os montes de mais perto respondiam, / Quase movidos de alta piedade; / A branca areia as lágrimas banhavam, / Que em multidão com elas se igualavam” (IV, vv. 89-92). A designação “praia das Lágrimas” costumava ser utilizada por aqueles que ficavam, mas o ato de retornar requiritava outra expressão: “terra de prazer” (BARROS, 1778, p. 277-279).

Fonseca (2014) enumerou uma série de diferenças entre a *Odisseia* e a *Ulisseia*: o poeta português não mencionou o caráter saqueador de Ulisses, quando de sua passagem por Ísmaro; além disso, não há na *Odisseia* um episódio envolvendo a ilha de Lemnos, que Palas visitou no último canto da *Ulisseia* para encomendar armas para o protagonista: o episódio em questão pertence à jornada de Jasão, cantada nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes. No episódio da tempestade, o poeta seguiu de perto a *Eneida* quando retratou os nautas resistindo coletivamente à procela, sem desentendimentos ou motins. Vênus, por sua vez, assumiu um papel similar àquele desempenhado por Juno na epopeia de Virgílio. Ulisses, e não Menelau, subjugou Proteu na ilha de Ciro para conhecer o oráculo segundo o qual deveria fundar a cidade de Lisboa. No episódio envolvendo o Ciclope, Gabriel de Castro relatou, adicionalmente, o amor não correspondido entre Polifemo e Galateia, possivelmente imitando as *Metamorfoses* de Ovídio. Diferentemente do poema homérico, no qual Ulisses e seus homens invadiram a gruta de Polifemo e se alimentaram sem esperar um convite, na *Ulisseia* Polifemo os convidou, talvez para não correr o risco de retratar o herói como infrator que não respeita os dons da hospitalidade. Além disso, o herói não recorreu à estratégia envolvendo o nome falso, “Ninguém”: se, na *Odisseia*, ele não encontrou problemas em mentir e anular sua própria identidade, no poema português essa estratégia não foi repetida, talvez porque seu nome seria empregado para denominar a cidade a ser fundada. O nome do herói, portanto, deveria ser celebrado, e não anulado.

2 A superação da *prudencia* antiga

Quando Ulisses avançou rumo ao estreito de Gibraltar (“Estreito, onde achou o fim famoso/ De seus trabalhos Hércules Tebano”) para singrar o oceano Atlântico, foi surpreendido por uma nuvem escura e pesada. Um gigantesco Hércules surgiu da escuridão, com um porte que faz recordar a estatura do Adamastor:

Logo um robusto corpo aparecendo
No ar, com a alta cabeça o Céu tocava,
De vitoriosa rama a frente erguendo
Coroadada, arrogante, altiva, e brava:
Vestida a pele de um leão horrendo,
Na mão direita uma pesada clava,
Negras sombras, e escuras o cercavam,
Que o ar de horror, e medo carregavam.

Cum tom de voz horrendo, e desabrido,
Que atemoriza a tudo quanto alcança,
Começou a falar, e num momento
Se abre o céu, cala o mar, e cessa o vento.
(CASTRO, V, 47-48).

O *locus horrendus* foi forjado com base no procedimento retórico da écfrase, figura destinada à produção de afetos por meio da descrição (*descriptio*) comprometida com a promoção da vivacidade do objeto descrito (*evidentia*), conferindo a impressão de que o fato está acontecendo diante dos olhos do leitor.

O discurso de Hércules também imitou as imprecações do gigante camoniano, recorrendo inclusive à aliteração por meio da repetição da consoante “s”:

Quem és, ó atrevido, que com tantas
Naus estes mares nunca navegados
De faias, medes com ligeiras plantas,
Com chaves imortais d’antes fechados?
As colunas fortíssimas quebrantas,
Termos, que pus aos mares levantados,
Que Netuno venera, e quando passa,
Lhe beija os pés, e com respeito abraça?

Deixa o caminho, navegante insano,
Que além desta, e da oposta alta coluna
Não se vê mais que o Céu, e o Oceano,
Teatro das tragédias da fortuna:
Muda de intento, colhe o solto pano,
Deixa a fadiga bárbara, e importuna,
Senão busca no mar tempestuoso
Sepulcro eterno de cristal undoso.
(CASTRO, V, 49-50).

Adamastor mencionou igualmente a ousadia dos nautas portugueses por cogitarem a ultrapassagem do cabo que ele personifica:

E disse: - “Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vão nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho.
(CAMÕES, V, 41).

Os “vedados términos”, no caso, não correspondiam mais às colunas de Hércules, mas ao cabo da Boa Esperança. Os episódios em questão figuram ações (ou atrevimentos) inaugurais por meio de convenções longevas capazes de ajuizar e deleitar os leitores. No que diz respeito ao Adastor, Fernando Alves Pereira afirmou tratar-se de um “desvio do gênero épico”, que “contradiz a natureza épica ao condenar as ações dos navegadores e ao vaticinar os nefastos destinos dos heróis, cuja ousadia é sublimada mas ao mesmo tempo condenada” (PEREIRA, 2005, p. 127). De acordo com o autor, os sinais de pessimismo e mau augúrio que presidem a fala do velho do Restelo foram acentuados pelo gigante, espécie de “hipérbole” do excerto que encerra o canto IV. Tal leitura supõe uma contradição estrutural, como se o poema acomodasse enunciados épicos e anti-épicas simultaneamente. Em outro estudo analisamos essa hipótese no que diz respeito ao poema camoniano (FELIPE, 2020). Veremos na sequência que esse tipo de contradição também não se aplica à epopéia de Castro.

Ulisses não apenas identificou o herói tebano pela aparência e enumerou seus doze trabalhos, como também revelou seu nome e discriminou algumas de suas façanhas, mencionando as dificuldades impostas por Netuno e os perigos que protagonizou ao longo de seu itinerário. Na sequência, pediu o auxílio do gigante, requisitando um mar sereno.

Manda-me o Céu buscar aquela parte,
Que o Sol com sua imensa claridade
Última vê, quando de nós se parte,
Para erguer com eterna majestade
A Cidade belígera, que a Marte,
Inimigos, e a longa eternidade
Há de vencer, pelo úmido caminho,
Dando a eternos heróis eterno ninho.
(CASTRO, V, 56).

Hércules se recordou de uma profecia outrora proferida por Proteu sobre um grego que ergueria os muros de Lisboa. Depois, “profetizou” as façanhas portuguesas ocorridas na África e partiu sem deixar vestígios, como se estivesse oferecendo aos nautas um salvo-conduto. A façanha de Ulisses, no entanto, não ofuscaria os futuros méritos portugueses, como o próprio poema salienta:

Já neste tempo as metas, que o Tebano
Alcides pôs aos mares arrogantes,
Serão fábula vil, que do Oceano
Descobrem mais os Lusos navegantes:
Quando com furor alto, e mais que humano
Seus lenhos terras nunca vistas dantes
Descobrirão do Austro à Noruega,
Donde o Sol arde, e donde nunca chega.
(CASTRO, VII, LXXVII).

O apelo inicial de Hércules, assim como as imprecações de Adamastor, recupera a *prudentia* antiga, que incentiva autocontrole e comedimento. Essa virtude pode ser encontrada, por exemplo, na segunda epístola que Sêneca dirigiu a Lucílio: “não corras o mundo nem te inquietes com mudanças de lugar. Tal agitação é própria de um ânimo enfermo. A primeira prova de uma mente bem composta é, a meu ver, poder conter-se e residir em si” (SÊNeca, 1985, p. 5). A mesma inquietude foi mencionada por Horácio em uma de suas odes: “Feliz aquele que, longe dos negócios,/ como a antiga raça de mortais,/ faz trabalhar seus bois nos campos paternos,/ livre de toda usura,/ e não o acorda, qual a um soldado, a cruel trombeta,/ nem teme o mar bravio, / e evita o fórum e os soberbos limiares / dos poderosos” (FONSECA, 1967, p. 80).

A prudência seria determinada pelo ímpeto centrípeto da sabedoria, e não pela iniciativa exploratória e transgressora. Deslocar-se para fora equivaleria, portanto, à perda da Idade de Ouro, que Ovídio caracteriza como momento no qual o pinheiro ainda não “descera para as líquidas ondas e nenhum mortal conhecera outras praias além das suas” (MARQUES, 2017, p. 35). De acordo com Luiz Marques, o limite espacial ocidental no mundo antigo foi estabelecido pelas colunas de Hércules. Esse limite apresentava não apenas um sentido geográfico, mas também filosófico e moral, pois transgredia uma sabedoria prática que consistia no autoconhecimento e em viver dentro dos limites da razão e da natureza (MARQUES, 2017, p. 37).

As mesmas forças centrípetas foram aludidas quando Dante e Virgílio encontraram Ulisses e Diomedes no Inferno, vagando como chamas ambulantes no oitavo círculo, em uma fossa reservada aos conselheiros perversos. Pela segunda vez, mas em caráter definitivo e na condição de morto, o herói astuto da *Odisseia* alcançou o mundo subterrâneo. Dessa vez, ao invés de conversar os mortos, ele foi consultado e contou sobre o motivo de ali se encontrar. Ao ser interrogado por Virgílio, o herói admitiu que Telêmaco, Laerte e Penélope não puderam vencer seu desejo de conhecer as terras, testemunhando as virtudes e as faltas dos homens (ALIGHIERI, 2010, v. 97-99). Ele embarcou em uma nau na companhia de alguns homens e dobrou as colunas de Hércules. Em discurso dirigido aos nautas, declarou a sua intenção de conhecer o abismo insondável e sem gente, no qual “à terra o mar domina”. Cinco meses após ultrapassar o estreito de Gibraltar, avistaram um grande monte coberto de escuridão. Ao invés de divisar a salvação, encontraram a perdição, pois um turbilhão adveio dessas paragens e chocou-se com a proa do navio. A tempestade causou o naufrágio: a popa ergueu-se, a proa desceu até que “sob o mar tudo perdeu-se” (ALIGHIERI, 2010, v. 142).

No hemisfério austral, depois de meses sulcando os mares, Ulisses encontrou sua morte com a montanha do Purgatório à vista. Isso porque a

[...] euforia pela imprudente tentativa de dilatação do cosmo antigo revela-se ser, para Dante, uma desmedida, uma profanação do lugar em que se exerce a justiça divina, vedado aos homens. Quase dois milênios após Píndaro, as colunas de Hércules ainda condensavam a lição da superioridade filosófica, moral e religiosa das forças centrípetas sobre as forças centrífugas (MARQUES, 2017, p. 40).

O Ulisses de Dante não é mais o guerreiro astucioso que precisou superar obstáculos diversos para regressar a Ítaca, mas um herói obstinado incapaz de respeitar os limites instituídos por Hércules e, portanto, os próprios deuses. Numa confluência entre cultura grega e cristã, a temeridade foi punida tanto pelos deuses pagãos quanto pelo Deus cristão: diferentemente do Ulisses homérico, que evitou a *hybris* para assegurar sua condição de mortal e preservar a memória do lar, a personagem de Dante recorreu à *hybris* recorreu, negligenciando o lar e sua condição de homem. Já o Ulisses de Gabriel Pereira de Castro ultrapassou as colunas, não negligenciou o retorno e alcançou a península ibérica para fundar a cidade de Lisboa. Por que motivo aquilo que, outrora, configurava uma ação descomedida, tornou-se um gesto nobre não apenas legitimado, mas instado pelas divindades?

A partir da expansão marítima, a lógica centrípeta da virtude teria sido subvertida, de modo que ultrapassar esses mesmos limites configuraria uma ação virtuosa. O *plus ultra*, inclusive, é a expressão que encontramos na empresa que Luigi Marliano forjou para o futuro Carlos V no ano de 1516, que também continha a imagem das colunas de Hércules. De acordo com Luiz Marques, tratava-se de uma nova concepção de *virtù*, que consistia no domínio do ímpeto (*plus ultra*) sobre a autocontenção (*nec plus ultra*). A combinação entre as colunas e a expressão “mais além” poderia reforçar a iniciativa imperial, legitimada pela ambição de universalizar o cristianismo (MARQUES, 2017, p. 42).

A matéria da epopeia camoniana “não evoca a reparação de uma transgressão como a de Páris, o retorno a casa como o de Ulisses ou um mito de origem como a fundação de Roma. O que o poema canta é, de fato, a superação da Antiguidade” (MARQUES, 2017, p. 43). Em Camões, no entanto, duas personagens figuram as forças centrípetas: o velho do Restelo e o Gigante Adamastor. O primeiro fala aos nautas portugueses, antes da partida, que as viagens movidas pela cobiça e o deslocamento para longe da terra pátria seriam dignas de censura. Já o Adamastor simboliza uma versão moderna das colunas de Hércules na medida em que se encontra ali para impedir que aventureiros alcançassem os “vedados términos”.

Vasco da Gama, como sabemos, ultrapassou o cabo, deixando de lado as advertências e ameaças do gigante. Como braço da Providência, sua viagem simboliza não apenas a ampliação do Império português, mas a transmissão da palavra divina. Por outras palavras, ultrapassar os limites antigos para converter infieis, incentivar o comércio e intensificar o exercício missionário alicerçavam os propósitos lusitanos. *Plus ultra* deixa de ser um excesso para tornar-se virtude e, portanto, uma nova forma de prudência, que viria a subjugar a antiga *prudencia*, fundamento do discurso do velho do Restelo:

Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de desamparo e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com que se o povo néscio engana.
(CAMÕES, 2005, p. 145).

Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!
(CAMÕES, 2005, p. 148).

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
(CAMÕES, 2008, p. 144).

Em meio à multidão que assistia à partida das naus na praia de Restelo, um velho censurou a fama, a vaidade. Assumindo o papel de homem discreto, a personagem não se deixa levar pelas tentações da glória infame, julgando tal tendência como desajuizada, como uma avaria à empresa

no ultramar. Saraiva (1959, p. 124) acredita tratar-se de um desprezo pelo vulgo decorrente da formação humanística do poeta. No entanto, da forma como aparece no poema, essas palavras parecem sugerir a imprescindibilidade do desengano, pois homens sem letras e/ou de experiência reduzida tendem a apreender as coisas do mundo pela aparência. O velho do Restelo coloca em evidência a dilatação do Império e, novamente, o propósito dos nautas. A incerteza do trajeto e das futuras consequências da viagem nos remete à novidade da empresa que estava por iniciar. O lugar do qual fala esta sábia personagem de fato coloca os dados que expõe num futuro próximo, que para o leitor são acontecimentos passados e bem conhecidos. Embora crítico, sua fala amplifica as conquistas portuguesas que se iniciariam ali, com a partida de Vasco da Gama. É como se as advertências, que presumimos serem direcionadas aos nautas portugueses, ultrapassassem esse limite e, como profecias, fossem direcionadas ao futuro, aos leitores, aos pósteros que, conhecedores de todas aquelas memórias narradas, evitariam recair em erro semelhante. A unidade da obra não apenas se mantém como também atende ao decoro externo, adequando-se à recepção. A trajetória de Vasco da Gama nos leva a entender o seu silêncio frente às admoestações do velho: não é o silêncio de quem ignora o que foi dito, tampouco de quem não apreende a pertinência daquelas palavras. Trata-se do silêncio de quem não se identifica com o perfil pintado pela personagem. Um silêncio reflexivo que poderia denotar humildade, atenção e aprendizado. As palavras do velho de Restelo, que supomos serem direcionadas aos nautas portugueses, ultrapassam as naus lusitanas, trafegam pelos mares da poesia épica camoniana para, finalmente, ancorar os juízos do leitor.

Há um episódio, na epopeia de Castro, que propõe um juízo similar. O discurso abaixo foi proferido depois que Hércules desapareceu e os nautas avançaram pelo Atlântico:

Dizia então Creonte: Aqui se encerra
O que disse Proteu da sorte avara,
Pois sem descanso achar, e amiga terra,
A roda destes males nunca para:
Quão mais ditoso fora quem na guerra
Consigo seus trabalhos encerrara
Dentro na antecipada sepultura!
Que é morte a vida se entre os males dura.

Aquele que atrevido o pinho leve
Pôs nas ondas dos ventos agitadas,
O coração três vezes de aço leve,
E de bronze as entranhas fabricadas:
Que de Bóreas, e de Áfrico se atreve
Provar a luta, e forças indomadas,
Quando da espessa nuvem o seio abrindo,
Rebentam no ar graves trovões bramindo.

Os mares acomete o atrevido
Nauta, que a fronte escura vê coberta
Do monte Acroceráunio, e no bramido
De Cauro a tempestade tem por certa:
Aos perigos da terra os do temido
Mar ajuntou a gente pouco experta,
Com alma da ambição leve enganada.
Oh gente humana, em teu perigo ousada!
(CASTRO, V, 74-76).

Há uma censura àquele que iniciou as navegações e um elogio àqueles que puderam permanecer e morrer em solo pátrio. Repete-se, portanto, os preceitos da prudência antiga referida por

Camões, não para retirar os méritos das empresas ultramarinas portuguesas, mas para censurar os empreendimentos movidos pela cobiça, pela ambição. Ler essas passagens como manifestação de “pessimismo” ou “decadência” não seria um novo apelo à “originalidade”, à “autoria” psicológica, medida que acaba negligenciando os aspectos convencionais, instrutivos e deleitosos implicados na invenção, disposição e elocução de um poema épico do século XVII. Em outras palavras, superar a prudência antiga não significa “inovar” e romper com a exemplaridade da poesia, mas propor uma outra virtude, uma outra conduta exemplar amparada não nas forças centrípetas da Antiguidade, mas no ímpeto centrífugo das descobertas. O multifacetado Ulisses cumpriu uma função importante que ultrapassa os limites da trama épica.

A lenda longeva e amplamente disseminada segundo a qual Ulisses teria edificado Lisboa “fecundou” a realidade e, desde então, passou a integrar a memória dos portugueses. Talvez, seja o momento de não encarar mais como “vedados términos” os limites entre história e ficção e estabelecer pontes com o intuito de tornar o diálogo fecundo. A poesia não refuta a empiria ao adotar fábulas e mitos, mas retira dela elementos que, concatenados, proporcionam *exempla*, modelos de comportamento. Dito de outro modo, o poeta recorre às particularidades históricas para forjar valores universais e, assim, atuar na história por meio da persuasão dos seus leitores: *historia magistra vitae*.

Referências

- BARROS, J. de. **Da Asia**: Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente – Década primeira (parte primeira). Lisboa: Regia Officina Typografica, 1778.
- CAMÕES, L. de. **Os Lusíadas** / edição antológica, comentada e comparada com *Iliada, Odisséia e Eneida* por Hennio Morgan Birchal. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- CAMÕES, L. V. de. **Os Lusíadas**. Organização, apresentação e notas de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- CASTRO, G. P. de. **Ulisseia, ou Lisboa Edificada**: poema heroico. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1636.
- FELIPE, C. V. do A. A unidade épica n’*Os Lusíadas*: revisitando Baco, Adamastor e o velho do Restelo. **Revista Iberoamericana**, v. XX, n. 73, p. 107-127, 2020.
- FERNANDES, R. M. R. Ulisses em Lisboa. **Euphrosyne**. Revista de Filosofia Clássica, n. 13, p. 139-161, 1985.
- FONSECA, C. A. L. Horácio em A vida de Soares de Passos. **Humanitas**: Instituto de Letras da Universidade de Coimbra, 1967.
- FONSECA, R. C. Da queda de Tróia à fundação de Lisboa ou de como Gabriel Pereira de Castro espera “cantar de Ulisses, imitando a Homero”. In: MORÃO, P.; PIMENTEL, C. (coord.). **Matriizes Clássicas da Literatura Portuguesa**: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade. Lisboa: Campo da Comunicação, 2014.
- HOMERO. **Ilíada de Homero**. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
- HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HORÁCIO. Ode I, 3. Tradução de Ariovaldo Augusto Peterlini. In: NOVAK, M. da G.; NERI, M. L. **Poesia lírica latina**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 71-73.
- MARQUES, L. Vasari e a Superação da Antiguidade: Do Nec Plus Ultra ao Plus Ultra. In: RAGAZZI, A. *et al.* (org.). **Interdisciplinaridade sobre o Renascimento Italiano**. São Paulo: Editora Unifesp, 2017.
- MORGANTI, B. A morte de Laocoonte e o Gigante Adamastor: a écfrese em Virgílio e Camões. **Nuntius Antiquus**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, n. 1, 2008.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Vera Lúcia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.
- PEREIRA, F. A. **Uma leitura dos excursos n’Os Lusíadas**. Dissertação (Mestrado em Linguís-

tica Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

PUGA, R. M. A odisseia de um mito: diálogos intertextuais em torno da fundação de Lisboa por Ulisses nas literaturas anglófonas. **Ágora**. Estudos Clássicos em Debate, n. 13, p. 145-175, 2011.

RANCIÈRE, J. **Políticas da escrita**. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

SARAIVA, António José. **Luís de Camões**. Lisboa: Europa-América, 1959.

SÊNECA. **Lettres à Lucilius**. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

TASSO, Torquato. **Jerusalém Libertada**. Tradução de José Ramos Coelho. Organização, introdução e notas de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

VERNEY, L. A. **Verdadeiro Método de Estudar** (Cartas sobre Retórica e Poética). Lisboa: Editorial Presença, 1991.

VIRGÍLIO. **Eneida de Virgílio**. Tradução de José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.